

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

EDUCAÇÃO, ENSINO E
TECNOLOGIAS DIGITAIS

ARTIGO

USO DE ASPAS DE CONOTAÇÃO AUTONÍMICA EM NOTÍCIAS DE PORTAIS
JORNALÍSTICOS: UMA ANÁLISE DA HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA*USE OF AUTONYMIC CONNOTATION QUOTATION MARKS IN NEWS FROM
JOURNALISTIC PORTALS: AN ANALYSIS OF ENUNCIATIVE HETEROGENEITY*

JAQUELINE BARRETO LÉ

Doutora em Linguística. Professora Adjunta do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB). Salvador-BA. E-mail: jaqueline.le@ufrb.edu.br.

LAYS DOS SANTOS ANDRADE (UFRB)

Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras da UFRB. Monitora Pedagógica da Língua Portuguesa pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED/Amargosa). E-mail: laysandrade@gmail.com

RESUMO

No presente artigo, buscamos analisar o uso das aspas de conotação autonímica nas manchetes de notícias *online*, relacionando-o à heterogeneidade enunciativa descrita por Authier-Revuz (1982, 1990, 1998, 2004). Investigamos, portanto, o uso das aspas como um fenômeno polifônico do discurso, o qual pode funcionar como recurso de modalização autonímica que perpassa pelo discurso-outro. Para tanto, partimos da análise de 15 manchetes de notícias do portal jornalístico *O Globo*, e de 15 manchetes de notícias do portal jornalístico *UOL*. Assim, na esfera jornalística, verificamos como se dá o uso das aspas de conotação autonímica, compreendendo o intertexto como aspecto constitutivo da própria textualidade, correlacionando, ainda, a heterogeneidade enunciativa apresentada nas manchetes das notícias aos papéis sociais e interacionais dos interlocutores e reconhecendo a sua influência na orientação argumentativa do processamento textual-discursivo.

Palavras-chave: Heterogeneidade enunciativa; Conotação autonímica; Jornal digital.

ABSTRACT

Abstract: In this article, we seek to analyze the use of quotation marks with an autonymic connotation in online news headlines, relating it to the enunciative heterogeneity described by Authier-Revuz (1982, 1990, 1998, 2004). Therefore, we investigated the use of quotation marks as a polyphonic phenomenon of discourse, which can function as an autonymic modality resource that permeates the other-discourse. For that, we started with the analysis of 15 news headlines from the journalistic portal *O Globo*, and 15 news headlines from the journalistic portal *UOL*. Thus, in the journalistic sphere, we verified how quotation marks with an autonymic connotation are used, understanding the intertext as a constitutive aspect of textuality itself, also correlating the enunciative heterogeneity presented in the headlines of the news to the social and interactional roles of the interlocutors and recognizing the its influence on the argumentative orientation of textual-discursive processing.

Keywords: Enunciative heterogeneity; Autonymic connotation; Digital newspaper.



Introdução

Neste artigo, propomo-nos a fazer uma análise do uso das aspas de conotação autonímica em manchetes de notícias de portais jornalísticos. Assim, centralizamos nossa investigação nas perspectivas teóricas da Linguística Textual e das Teorias da Enunciação, tomando como base a noção de heterogeneidade enunciativa evidenciada por Authier-Revuz (1982, 1990, 1998, 2004), a qual se apoia nos conceitos de dialogismo postulados por Bakhtin e na perspectiva psicanalítica freud-lacaniana do sujeito e sua relação com a linguagem.

Authier-Revuz, linguista francesa, vincula-se às Teorias da Enunciação e aprofunda-se nos estudos relacionados à complexidade enunciativa que se institui no processo discursivo. Conforme destaca a referida autora, um discurso quase nunca é homogêneo, uma vez que “sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia (discursiva), se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28). Deste modo, a autora suscita a discussão sobre a presença de um aspecto heterogêneo intrínseco ao discurso e, para analisar o seu funcionamento, apresenta duas formas de heterogeneidade: uma que é constitutiva do discurso e sua alteridade não é revelada, isto é, permanece no interdiscurso (heterogeneidade constitutiva) e outra que se mostra marcada ou não no seu interior, trazendo indícios da presença do outro na cadeia discursiva (heterogeneidade mostrada).

Neste trabalho, entendemos que a linguagem é uma prática social essencialmente assinalada pelo dialogismo que, de acordo Authier-Revuz (1982), tem dupla orientação. Segundo a autora, há um dialogismo do discurso com os outros discursos e existe, também, um dialogismo que se diz respeito ao diálogo do discurso com o discurso do outro da interlocução, isto é, o destinatário. Esse duplo dialogismo exterioriza-se tanto na interação verbal que se estabelece entre o enunciador e o coenunciador quanto na intertextualidade presente no interior do discurso, ou seja, na interdiscursividade.

À vista disso, buscamos explorar e analisar um traço muito corriqueiro que nos chamou a atenção nas manchetes de notícias de portais jornalísticos, isto é, o funcionamento das aspas de conotação autonímica, o qual revela uma das formas de heterogeneidade enunciativa proposta por Authier-Revuz (1990). Desse modo, buscamos entender de que forma o processo de significação vai estabelecendo sentidos inscritos nesse sinal de pontuação, delineando-se uma orientação argumentativa no discurso. Ao fazer uso desse recurso, o enunciador sugere um outro sentido a dado termo ou expressão no seu discurso. Tal tática é comumente utilizada em textos jornalísticos – em especial, nas manchetes das notícias –, na intenção de garantir determinado sentido à expressão marcada, propondo-se “um outro olhar” ao termo que se destaca.

A análise se deu a partir da busca das aspas de conotação autonímica nos jornais digitais, e, sabendo da amplitude desse espaço, fizemos, então, um recorte com base nos perfis de dois portais jornalísticos, a saber: O *Globo* e *UOL*. A partir daí, selecionamos 15 notícias de cada jornal para realizarmos nossas análises.

Mostraremos, no decorrer do trabalho, a partir dos resultados encontrados, que as aspas não são empregadas unicamente como um recurso normativo de pontuação para indicar presença de outras vozes; elas são capazes de assumir, ainda, concomitantemente, diferentes funções dentro de um enunciado, em que podem responder a estratégias persuasivas de influenciar o outro.

A heterogeneidade enunciativa segundo Authier-Revuz

A definição de heterogeneidade enunciativa foi desenvolvida pela linguista francesa Jacqueline Authier-Revuz por meio da publicação do artigo intitulado *Hétérogénéité(s) énonciative(s)*, em 1984. No entanto, no Brasil, o artigo teve sua publicação em 1990 pela revista *Cadernos de Estudos Linguísticos da Unicamp*, sob o título *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. Para desenvolver seu estudo, a autora recorre ao conceito bakhtiniano de dialogismo e à psicanálise lacaniana.

Para propor o que chamo de heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso, apoiar-me-ei, de um lado, nos trabalhos que tomam o discurso como produto de interdiscursos ou, em outras palavras, a problemática do dialogismo bakhtiniano; de outro lado, apoiar-me-ei na abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem permitida por Freud e sua releitura por Lacan (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26).

Ao se apoiar no dialogismo bakhtiniano, Authier-Revuz adota o discurso de que “a língua só se realiza atravessada pelas variedades de discurso que se relativizam umas às outras em um jogo inevitável de fronteiras e de interferências” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 68-69). Segundo Bakhtin (2002), a lei constitutiva de um determinado discurso é a interação com o discurso do outro. Assim, ele reitera que qualquer discurso está imediata e diretamente determinado pelo já-dito e pela resposta antecipada.

O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, pressente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do “já dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim, é todo diálogo vivo. (BAKHTIN, 2002, p. 89)

Sendo assim, nenhuma palavra deve ser tida como neutra e direta, dado que é atravessada por dizeres e ressonâncias de outros. Por conseguinte, o discurso não é particular, visto que ressoam nele vozes do locutor e do interlocutor.

Nesse sentido, Flores e Teixeira (2005, p. 75) esclarecem que, “visto como diálogo entre discursos, o dialogismo traz a ideia de que o discurso não se constrói a não ser pelo atravessamento de uma variedade de discursos, as palavras sendo já ‘habitadas’ por outras ressonâncias”.

Ainda recorrendo a Bakhtin, sobre as vozes do outro que habitam os discursos, Authier-Revuz (1990, p. 27) explica que:

Somente o Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já dito na fala de outro. Nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’. O que Bakhtin designa por saturação da linguagem uma teoria da produção do sentido e do discurso: coloca os outros discursos não como ambiente que permite extrair halos conotativos a partir de um nó de sentido, mas como um ‘centro’ exterior constitutivo, aquele do já dito, como o que se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso.

Além de recorrer ao conceito bakhtiniano de dialogismo, outro discurso que Authier-Revuz dá lugar em seu texto é o discurso da psicanálise freudo-lacaniana. Segundo Flores e Teixeira (2005, p. 75):

O que de modo particular mobiliza a sua atenção é o fato de a psicanálise mostrar que “atrás da linearidade da emissão por uma única voz, faz-se ouvir uma polifonia”, o discurso sendo constitutivamente atravessado pelo discurso do “outro”. A autora [Authier-Revuz] articula a teoria da heterogeneidade da palavra a uma teoria de sujeito efeito de linguagem, para quem não existe – fora da ilusão e do fantasma – posição de exterioridade em relação à linguagem, nem centro em que emanariam, particularmente, a fala e o sentido.

Reverberado por Lacan, Freud concebe que qualquer palavra é dita sob outras palavras. Isto é, o discurso é constitutivamente atravessado pelo discurso do “Outro”. Segundo o psicanalista Dunker (2010), Lacan julgava a aspiração humana como alienada em significantes que se estabelecem como estruturas para a difusão de ideais, esperanças, regras e outras situações através das quais nos socializamos. Dunker (2010, p. 25) explica que:

dizemos alienação porque esses significantes aparecem sempre de um lugar: o Outro, na acepção lacaniana do termo. *Alium* quer dizer outro, e é justamente assim que nos relacionamos com o desejo inconsciente, como se ele viesse de um Outro (grafado com letra maiúscula), e não de mim mesmo.

Verifica-se, por conseguinte, que o outro bakhtiniano não é igual ao Outro lacaniano. O Outro postulado por Lacan está ligado a uma determinação inconsciente, à medida que o outro para Bakhtin refere-se ao interlocutor de que o entendimento responsivo ativo é pressuposto.

Tomando como base as noções supracitadas, Authier-Revuz (1982, 1990) apresenta a concepção de heterogeneidade enunciativa, defendendo a hipótese de que a linguagem é heterogênea na sua composição e, por conseguinte, o discurso, em razão da sua materialidade de natureza linguística. Authier-Revuz defende a heterogeneidade enunciativa como a junção entre a metadiscursividade e a alteridade radical do discurso.

A heterogeneidade enunciativa mostrada: marcada e não marcada

A heterogeneidade mostrada, segundo a autora francesa, são “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva de seu discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26). Essas formas linguísticas ocorrem quando “No fio do discurso que, real e materialmente, um locutor único produz, um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o outro” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12). Em síntese, a heterogeneidade mostrada é o conjunto de formas que inscreve o outro na sequência do discurso e tal inscrição pode ocorrer de maneira marcada ou não marcada.

Trata-se, portanto, de uma das formas de heterogeneidade, sendo caracterizada pelo indício da voz do outro na estrutura da escrita pelo próprio locutor, podendo estar: (i) *mostrada e marcada* no fio do discurso, apresentando marcas linguísticas evidentes da inserção do outro, as quais podem ser recuperadas no plano enunciativo. Elas podem se manifestar de diversas maneiras, como, por exemplo: o discurso indireto, discurso direto, itálico, aspas, ilha textual, glossa, modalização autonímica etc., (ii) *mostradas e não marcadas*, que não estão evidentes e devem ser reconstituída a partir de diferentes índices como o discurso indireto livre, discurso direto livre, ironia, alusão, jogo de palavras, provérbio, estereótipo, mostrando o lugar do outro sem marcação unívoca.

O modo mais explícito de heterogeneidade mostrada é o discurso relatado, ou seja, as formas sintáticas do discurso direto.

No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples “porta-voz”. Sob essas duas diferentes modalidades, o locutor dá lugar explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

As formas marcadas da heterogeneidade mostrada concedem ao sujeito a incumbência de um dizer ao outro com quem divide os sentidos produzidos. Essas formas integram-se, por conseguinte, como um meio de defesa pelo qual o sujeito, ao passo em que reconhece que seu discurso é formado por vozes outras, nega, com isso, a heterogeneidade própria do

discurso, visto que só a distingue em um determinado ponto. Authier-Revuz (1990, p. 33) defende que

O que caracteriza as formas marcadas da heterogeneidade mostrada como formas do desconhecimento da heterogeneidade constitutiva é que elas operam sobre o modo da denegação. Por uma espécie de compromisso precário que dá lugar ao heterogêneo e portanto o reconhece, mas para melhor negar sua onipresença. Elas manifestam a realidade dessa onipresença precisamente nos lugares que tentam encobri-la (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 33).

Na figura 1, para melhor compreensão, evidenciamos por meio da manchete de uma notícia (publicada em 21 de maio de 2021, no portal *O Globo*), um exemplo da forma da heterogeneidade marcada e mostrada:

Figura 1: Heterogeneidade mostrada e marcada.



Fonte: O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/seria-como-voltar-ao-orelhao-diz-barroso-sobre-tentativa-de-implementar-voto-impresso-no-brasil-25028216>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Pode-se perceber, na manchete da notícia da figura 1, que o jornal se utilizou do discurso direto inserindo a ilhota textual, deixando em evidência a voz do “outro” na sequência do discurso, isto é, de Barroso, presidente do TSE. Com isso, o jornal mostra que não é responsável pelo discurso proferido, indicando sua isenção diante o que foi noticiado. Por outro lado, as formas não-marcadas da heterogeneidade mostrada têm uma natureza mais complexa, uma vez que estão implícitas no discurso. Elas requerem do interlocutor o reconhecimento ou interpretação da existência das outras vozes no discurso. Sobre essas formas Authier-Revuz (1990, p. 34) salienta que

Efetivamente, as formas não marcadas da heterogeneidade mostrada – discurso indireto livre, ironia... de um lado, metáforas, jogos de palavras... de outro lado – representam, pelo continuum, a incerteza que caracteriza a referência ao outro, uma outra forma de negociação com a heterogeneidade constitutiva; uma forma mais arriscada, porque joga com a diluição, com a dissolução do outro no um, onde este, precisamente aqui, pode ser enfaticamente confirmado mas também pode se perder.

Desse modo, as formas não-marcadas da heterogeneidade mostrada não exibem claramente a presença do outro no discurso, tendo em vista que as outras vozes compõem a própria voz do locutor. Vejamos o exemplo a seguir, na figura 2, a manchete de uma notícia publicada em 16 de junho de 2022, no portal *O Globo*:

Figura 2: Heterogeneidade mostrada e não marcada.



Fonte: O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/alunos-entregam-bandeira-lgbt-reitor-conservador-nos-eua-25528750>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Ao passo em que não enxergamos a presença marcada do outro no fio discursivo da manchete da notícia exposta acima, inferimos uma análise construída a partir da comparação do que foi dito com outros usos produzidos no meio sócio-histórico. Desse modo, levando em consideração um tipo de heterogeneidade mostrada não-marcada, fizemos uma análise da historicidade de suas expressões, tomando como base o pressuposto evidenciado por Bakhtin de que não existe discurso constituinte de uma fonte primária, uma vez que toda palavra leva consigo uma historicidade proveniente dos discursos em que viveu. Authier-Revuz (2004, p. 26) afirma que: “O sentido de um texto não está, pois, jamais pronto, uma vez que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis: pensa-se, evidentemente, na ‘leitura plural’”.

Com base nisso, é certo que o termo “conservador” empregado na manchete da notícia já foi utilizado em diversos espaços discursivos no meio sócio-histórico. A partir desse emprego, observamos os efeitos de sentido e discursos movimentados em tal uso, configurando a imitação. Refletindo acerca de sua historicidade, atentamos que na situação social em que foi utilizada, a expressão “conservador” aponta uma provocação, uma vez que o conservadorismo é um pensamento político que argumenta a favor da preservação das entidades sociais tradicionais, como a família, por exemplo. Assim, na situação em questão, os efeitos de sentidos construídos pela expressão tiveram um caráter crítico e irônico, já que o Reitor recebeu dos alunos uma bandeira LGBT+.

As aspas de conotação autonímica e o discurso-outro

A conotação autonímica diz respeito à inserção do enunciador no fragmento da cadeia discursiva sem haver suspensão sintática no fio do discurso. Authier-Revuz (2004) sugere que, por meio da conotação autonímica, há um desdobramento discursivo por parte do enunciador. Assim, para realizar um comentário sobre seu dizer, o enunciador insere-o em sua enunciação no momento em que enuncia, configurando, com isso, uma modalização autonímica. Ao utilizar tal mecanismo, o emissor faz uma análise do seu próprio discurso, dialogando consigo mesmo, ocupando, de certa forma, a posição do receptor. Ao recorrer a essa estratégia enunciativa, o enunciador adapta seu dizer ao que presume como resposta, tendo como objetivo alcançar o propósito almejado.

Além da utilização de recursos como o uso das aspas, fenômeno aqui investigado, pode-se perceber a inserção do enunciador em sentenças como: “como diriam os estudantes de Letras”, “na linguagem dos médicos”, “tecnicamente falando” etc. Na conotação autonímica, o enunciador emprega termos com o intuito de obter do receptor um outro olhar, garantindo receber, na maioria das vezes, o sentido pretendido. Além disso, a conotação autonímica pode ser empregada com o objetivo de esclarecer uma expressão polissêmica, isso para que o objetivo comunicacional a que se pretende não seja comprometido. Outro recurso bastante utilizado é o destaque de algum termo para propor ao receptor um sentido que não seja utilizado com frequência, alertando o receptor acerca do que se é evidenciado na enunciação.

Ao se dedicar a estudar as aspas de conotação autonímica, Authier-Revuz (2004, p. 219) visa, em primeiro momento, estabelecer algumas das funções das aspas para depois apresentar hipóteses sobre essas funções. Segundo ela, as aspas possibilitam ao locutor indicar, na materialidade linguística, um afastamento nas palavras que produz. Com base nisso, seu primeiro ato é o de declarar que as aspas são:

designada na intenção do receptor como o objeto, o lugar de uma suspensão de responsabilidade – daquela que normalmente funciona para as outras palavras. Essa suspensão de responsabilidade determina uma espécie de vazio a preencher, através de uma interpretação, um “apelo de glosa”, se assim se pode dizer, glosa que, às vezes, se explicita, permanecendo mais frequentemente implícita. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 143)

Assim, a autora constata que as aspas remetem a um discurso-outro, definindo o seu uso como uma marcação do heterogêneo, no qual a voz de um outro se faz ouvir a fim de apresentar-se a serviço de uma estratégia argumentativa. Partindo da perspectiva de que o reconhecimento do discurso-outro e sua implantação no enunciado constituem o contexto para os desdobramentos enunciativos, Cardoso e Cunha (2005, p. 75-76) afirmam que “as aspas mantêm os termos aspeados à distância e constituem sempre um sinal a ser decifrado pelo interlocutor. O locutor, consciente ou inconscientemente, realiza uma certa representação de seu interlocutor e oferece a esse uma imagem de si mesmo”.

Ainda mediante as reflexões de Authier-Revuz (2004, p. 2019), conseguimos constatar que as aspas são um artifício de direcionamento do dizer, não um lapso:

As aspas estão presentes em uma fala sob vigilância, sob controle, uma fala “mantida”, em um terceiro sentido; aquele em que se diz que “se mantém seu cachorro, seus empregados, sua casa” ou que “se sabe se manter”. Opõe-se a uma fala do “deixar acontecer”, abandonada a si mesma, que se perde. Nesse sentido, pode-se considerar as aspas como “antilapso”.

Acerca das funções das aspas, Authier-Revuz salienta alguns tipos de motivação que elas podem ter. Para isso, a autora evidencia o uso das aspas de familiaridade, aspas de condescendência e aspas pedagógicas, esses três tipos exercem uma função análoga a de pôr a palavra ao alcance de seu interlocutor. Outras motivações destacadas pela autora são as aspas ostentatórias – de narcisismo ofensivo, aspas de proteção, aspas de ênfase, entre outras. Em tese, a autora assinala funções que exprimem as aspas como marca, falta, imperfeição, deslocamentos, pois elas indicam para algo que está à margem: “se as aspas são a marca de uma imperfeição, trata-se de uma *imperfeição constitutiva*; se a palavra aspeada está ‘na margem’ de um discurso; isso se dá não no sentido de que ela seria desprezível, mas sim no sentido de que uma margem *delimita e constitui*” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 229).

Na abordagem linguística tradicional, as gramáticas normativas, ainda que não se pautem na noção de dialogismo, também remetem a algumas dessas funções. Em relação ao emprego das aspas, Cunha e Cintra (2008) as situam nos seguintes casos: a) no início e no fim de uma citação, para distingui-la do resto do contexto; b) para fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, vulgarismos, etc.);

c) para acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão; d) para realçar ironicamente uma palavra ou uma expressão; e) para pôr em evidência a significação de uma palavra ou de uma frase, em geral de língua estrangeira; f) nos diálogos, para indicar a mudança de interlocutor; g) para destacar o título de uma obra.

Com base nisso, observamos, já na abordagem tradicional, o tratamento das aspas como um sinal de pontuação que tem por finalidade colocar em destaque determinado segmento do texto, fazer uma citação direta ou indireta, realçar de modo irônico uma palavra, marcar neologismos e estrangeirismos, entre outras. Assim, Authier-Revuz (2004), ampliando essa perspectiva e partindo do ponto de vista da abordagem linguística enunciativa, investiga essas e outras circunstâncias de uso das aspas, evidenciando que elas ostentam um tipo de heterogeneidade enunciativa e dispõem o papel de realizar uma análise metaenunciativa do dizer.

Os gêneros discursivos digitais e o webjornalismo

Bakhtin (2003, p. 262), define os gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados” e indica que eles são concebidos conforme as situações particulares de cada campo da comunicação verbal. Nesse sentido, leva em consideração a chance de haver transformação e proliferação dos gêneros conforme o campo de atividade humana em que eles estão inseridos.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKHTIN, 2003, p. 261)

O referido autor propõe uma noção de gênero discursivo partindo do pressuposto de que a linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico. A vista disso, podemos inferir que os gêneros do discurso se fazem presentes em todas as formas de comunicação e interação em sociedade, seja em uma conversa de rua ou em uma dissertação de mestrado, isto é, podem se apresentar em uma linguagem oral, escrita, em diferentes suportes/ambientes e em variados níveis de formalidade. Esses gêneros nos são postos, consoante Bakhtin (2003, p. 282), “quase da mesma forma com que nos é nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”.

A ascensão tecnológica do início do século XXI proporcionou alterações significativas nos meios de comunicação e, como consequência, nas práticas comunicativas, originou os gêneros discursivos ambientados em meio digital, que surgiram com o intuito de atender a uma demanda social da

época. De acordo com Marcuschi (2010, p. 1), “Esses novos gêneros, denominados como gêneros digitais, trazem para seu usuário novas possibilidades de interação com outros indivíduos, apresentando características como a rapidez e a simultaneidade, que facilitam as formas de se comunicar e obter informações”. Assim, conforme argumenta o referido autor, dentre as variadas características desses gêneros, destaca-se a objetividade, uma vez que os textos são mais curtos e diretos. Para além disso, pode haver um misto de elementos audiovisuais e verbais, além da presença de hipertextos.

Segundo Marcuschi (2010), o uso contínuo de equipamentos tecnológicos por parte dos jovens – smartphones, tablets, notebooks, etc. – propicia o contato com várias linguagens, oferecendo uma imensidão de práticas comunicativas em ambientes virtuais. Nesse contexto, surgem os chamados gêneros discursivos digitais, como exemplos Marcuschi (2010) cita: e-mail, e-mail educacional, aula-chat, entrevista com convidado, lista de discussão, web blog (blogs, diários virtuais), entre outros.

Conforme elucida Marcuschi (2010), os gêneros discursivos digitais têm seu surgimento em decorrência de outros gêneros discursivos tradicionais, que tendem a mudar de suporte e formas, influenciando, com isso, as relações e o modo de comunicação entre os indivíduos. Na análise aqui proposta, nos centramos no gênero discursivo presente em portais jornalísticos, a notícia *online*, uma vez que a mesma traz, no webjornalismo, uma abundante fonte de informação. As expressões webjornalismo, jornalismo *online*, ciberjornalismo, jornalismo eletrônico ou jornalismo digital, dizem respeito ao jornalismo criado para a web. Segundo Ferrari (2004, p. 41), “Criar e manter um blog, mediar chats, escrever em um fórum, enfim, todas as tarefas que envolvem a criação de textos para os produtos do meio podem ser chamadas de ciberjornalismo”. Seu surgimento simboliza uma transformação no modo de apurar, produzir e distribuir conteúdo jornalístico. É um fenômeno midiático recente que teve seu surgimento no bojo das mudanças consequentes da propagação das novas tecnologias de comunicação. Com a evolução da internet e com o advento do webjornalismo, o autor da notícia, que antes tinha pouca possibilidade de interação, ganha novas conjecturas tornando possível saber, em tempo real, o interesse do leitor por determinados assuntos, adaptando, com isso, os destaques da homepage de um portal.

As práticas jornalísticas na Internet obtiveram força ao passo que passaram a explorar as potencialidades do ciberespaço, que, conforme define Pierre Lévy (1999, p. 92-93)

o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com

precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século.

Desse modo, podemos explorar o domínio jornalístico, dentro da estrutura tecnológica ofertada pelo ciberespaço, a partir das características de hipertextualidade, multimídia, interatividade, entre outras. Esse ambiente proporciona a viabilização e o compartilhamento de conteúdo multimídia de maneira rápida e eficiente com a finalidade de propiciar a interação e, dessa forma, aguçar o interesse e a participação do público.

A notícia *online*, objeto de análise desta pesquisa, é um gênero discursivo digital que se desenvolveu em consonância com a evolução tecnológica, sua estrutura apresenta várias analogias com a notícia impressa. De modo geral, o gênero notícia é formado pela manchete, que evidencia o fato, isto é, a informação que será descrita mais a frente; o lide, que contém um pequeno resumo do ocorrido, explicando questões como “o que aconteceu?”, “onde?”, “quando?” “como?” “com quem?”, etc, e o corpo do texto, onde há um maior esclarecimento das informações apresentadas anteriormente.

Com o intuito de atrair seu público-alvo, os portais jornalísticos se apropriam de um estilo criativo na elaboração da notícia, na qual envolve as vozes sociais que atuam como testemunhas do fato noticiado, dando lugar para que as mesmas comentem e exponham seus pontos de vista e posicionamento. Sob outro enfoque, as vozes sociais concedem a impessoalidade do autor da notícia, ao passo que este relata o fato de forma objetiva, sempre em terceira pessoa, e utiliza a fala dos membros da comunidade e participantes do acontecido, ausentando, com isso, sua marca pessoal no gênero.

Mediante o exposto, buscamos, nesta análise, investigar o funcionamento das aspas de conotação autonímica, um traço que acontece com muita frequência em manchetes de notícias de portais jornalísticos, tática comumente utilizada pelos jornais digitais na intenção de garantir determinado sentido à expressão marcada, propondo, com isso, outros olhares ao termo marcado.

Metodologia e análise do uso de aspas de conotação autonímica

Esta pesquisa se enquadra na abordagem metodológica de cunho qualitativo. Essa é uma abordagem a ser aqui adotada no intuito de investigar e identificar as estratégias e operações usuais de textualidade no jornal eletrônico. Sobre a pesquisa qualitativa, Godoy (1995, p. 21) assevera que

Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre

e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

Para este estudo, partimos, ainda, das seguintes hipóteses: a) O uso de aspas de conotação autonímica revela, ao mesmo tempo, uma forma de omissão da intencionalidade do locutor e uma dimensão argumentativa apontada por esse locutor; b) a heterogeneidade enunciativa interfere diretamente na orientação argumentativa do processamento textual-discursivo.

Nesse contexto, procedemos, nos meses de março a junho de 2021, à coleta de 15 notícias jornal digital *O Globo* e de 15 notícias do jornal digital *UOL*. Verificamos, de início, apenas o uso das aspas de conotação autonímica, correlacionando-o, posteriormente, à heterogeneidade enunciativa presente nas manchetes das notícias. Analisamos, portanto, as aspas como recurso de heterogeneidade mostrada e marcada, uma vez que, como argumenta Authier-Revuz (1990), a heterogeneidade constitutiva não é linguisticamente delimitada.

A título de ilustração, apresentaremos, a seguir, seis manchetes das notícias analisadas e, ainda, as considerações acerca do uso de aspas de conotação autonímica e das relações em torno da heterogeneidade enunciativa e da orientação argumentativa que se revela no processamento textual-discursivo.

Notícia 1

Rafael Portugal brinca com xixi na prova e com 'mata atlântica' de Fiuk



BBB 21:
Imagem: Reprodução/ Globoplay

Colaboração para o UOL, de São Paulo
23/03/2021 23h43

A notícia 1 apresenta aspas de conotação autonímica no termo “mata atlântica”, proferido pelo humorista Rafael Portugal em um quadro apresentado no programa “Big Brother Brasil”. Pode-se observar que o jornal faz uso das aspas como uma maneira de mostrar o duplo sentido apresentado na fala do humorista, já que o termo “mata atlântica” estava sendo relacionado aos pelos pubianos do confinado Fiuk e não ao sentido literal da palavra. Podemos observar que a manchete do Twitter é feita por meio do discurso indireto, visto que não ocorre a transcrição exata da fala de Rafael Portugal. Outro ponto a ser analisado é que o termo anterior, “xixi na prova”, não teve marcação com ilhota textual, apontando para apenas para o sentido real, denotativo.

Notícia 2

Óleo de palma 'sustentável' da Amazônia esconde desmatamento e contaminação



Indígenas acusam empresas de...

DESMATAMENTO E ÁGUA CONTAMINADA

Karla Mendes
Da Mongabay, em Tomé-Açu (Pará)
23/03/2021 04h00

A notícia 2, por sua vez, apresenta aspas de conotação autonímica no termo “sustentável”. Nesse exemplo, as aspas têm a função de marcar uma ironia, uma vez que o que ocorre na Amazônia devido às empresas de óleo de palma são desmatamentos e contaminações no rio e não sustentabilidade. Ao se utilizar dessa estratégia, o enunciador procura deixar evidente o uso das aspas para dado fim e espera que seja interpretado de forma adequada pelo leitor para que seja bem-sucedida a comunicação entre ambos. Contudo, convém lembrarmos que os sentidos não são pré-estabelecidos, e sim produzidos, dependendo do cenário sócio-histórico-ideológico para se constituírem. Posto isso, esse signo toponímico no enunciado pode ganhar diferentes interpretações, segundo a compreensão ideológica dos grupos sociais, no instante da enunciação. Assim, para que se tenha uma melhor compreensão do termo, faz-se necessário que o leitor acesse todo o conteúdo da matéria.

Notícia 3

Queiroga nega disfarce de dados com novo sistema: 'Não sou maquiador'



Marcelo Queiroga deu entrevista coletiva na tarde de hoje sobre a pandemia de covid-19
Imagem: Dida Sampaio/Estadão Conteúdo

Hanrikson de Andrade e Sara Baptista
Do UOL, em Brasília e em São Paulo
24/03/2021 17h32
Atualizada em 24/03/2021 18h11

A notícia 3 apresenta aspas de conotação autonímica em sua manchete no termo “Não sou maquiador”, proferido pelo Ministro da saúde, Marcelo Queiroga, em uma coletiva de imprensa. Diferentemente do que ocorre nos exemplos anteriores, aqui o jornal utiliza-se do discurso direto e insere a ilhota textual como uma maneira de se proteger, deixando claro que quem proferiu tal afirmação foi o Ministro da Saúde; logo, o jornal pretende mostrar-se imparcial diante tal fato. No enunciado, o locutor leva em consideração os prováveis interlocutores, tendo em vista que estes são sujeitos do processo da interação verbal, para que sejam aptos a compreender a sua intencionalidade no escrito, utilizando-se, assim, do aspeamento. A intencionalidade está associada à finalidade pretendida pelo produtor do texto. Nesse contexto, inferimos que o locutor, ao tomar posse das palavras aspeadas, “Não sou maquiador”, buscou a suspensão de responsabilidade.

Nesse sentido, o locutor assinala e evidencia a existência do outro na superfície discursiva do enunciado, posicionando-se, manifestando sua finalidade de delinear sinais de avaliação e exprimindo um julgamento de reprovação perante o uso do termo “Não sou maquiador”. Utiliza, para tanto, o aspeamento no discurso direto. De acordo com Authier-Revuz (2004), esse recurso se destaca por evidenciar a presença do outro na recorrência ao discurso citado. Isto posto, o locutor se mostra como simples porta-voz, ainda que seja de sua incumbência a escolha do que será reportado. Isso revela, ainda, a orientação argumentativa dos enunciadores.

Notícia 4

Céu 'arde' com cremações na Índia, relata repórter do NYT; veja fotos

Em Nova Délhi, um em cada três habitantes está contaminado pelo coronavírus; país lidera ranking global de contágio, com mais de 350 mil novos casos por dia

Jeffrey Gettleman, do New York Times

27/04/2021 - 18:10 / Atualizado em 28/04/2021 - 09:13



Familiares e profissionais de saúde carregam corpo de vítima da Covid-19 para cremação em Nova Délhi Foto: PRAKASH SINGH / AFP

De modo semelhante ao exemplo destacado na notícia 1, a notícia 4 apresenta as aspas de conotação autonímica para mostrar o sentido figurado da palavra, aspeando, neste caso, o termo “arde”. Nesse contexto, a expressão em destaque não quer dizer que o céu realmente está ardendo; seria, mais propriamente, uma forma de intensificar e representar a quantidade de cremações de corpos mortos em decorrência pelo coronavírus, realizadas em Nova Délhi, na Índia. Em ambos os casos, o enunciador, ao destacar os termos, propõe ao interlocutor um sentido outro, que não o usual, denotativo, alertando-o a respeito do que enuncia.

Notícia 5

Esquerda sela pacto com 'bolsonaristas arrependidos' por impeachment de Bolsonaro

Alexandre Frota (PSDB-SP), Joice Hasselmann (PSL-SP) e Kim Kataguiri (DEM-SP) se uniram a PT, PSOL e outras siglas de oposição para articular pela queda do presidente

Guilherme Caetano

23/04/2021 - 18:29 / Atualizado em 23/04/2021 - 19:37



O presidente Jair Bolsonaro fala na saída do Palácio da Alvorada Foto: Ueslei Marcelino/Reuters/10-03-2021

Semelhante ao que ocorre no exemplo da notícia 2, a notícia 5 apresenta aspas de conotação autonímica no termo “bolsonaristas arrependidos” em sentido de ironia. Aqui observamos que o jornal utiliza tal termo de forma irônica para se referir a Alexandre Frota, Joice Hasselmann e Kim Kataguiri, visto que os deputados citados eram lideranças que defendiam o presidente Jair Bolsonaro e passaram, em um dado momento, a unir forças pelo seu impeachment. Podemos inferir que o locutor utilizou a forma de aspeamento de conotação autonímica para assinalar graficamente um julgamento sobre o assunto em questão e se posicionar, ainda que implicitamente, acerca do suposto arrependimento desses deputados. Portanto, as aspas não são utilizadas de forma neutra ou aleatória, mas sobretudo como uma estratégia argumentativa no processamento textual.

Notícia 6

Surfista sofre 'vaca' incrível na Califórnia: 'Tudo deu errado'

Vídeo de Zach Levine caindo em onda de 5 metros viralizou nas redes sociais

Renato de Alexandrino

28/04/2021 - 11:02 / Atualizado em 28/04/2021 - 19:08



Zach Levine caindo em The Wedge, na Califórnia Foto: Reprodução de vídeo



Por fim, na notícia 6, as aspas de conotação autonímica aparecem na manchete da notícia no termo “vaca”, que, neste caso, refere-se à queda tida pelo surfista e não ao animal propriamente dito. Assim sendo, as aspas servem para evidenciar que o termo em questão possui outra significação, além da usual. Com efeito, a pontuação concebe, no fio do dizer, a marca de outras significações que o termo pode ter; ou seja, as aspas marcam a iminência de outra versão, de outros sentidos.

Considerações Finais

Neste trabalho, apresentamos uma análise do uso das aspas de conotação autonímica em manchetes de notícias de portais jornalísticos, correlacionando-o à teoria

da heterogeneidade enunciativa postulada por Authier-Revuz (1982, 1998, 1990, 2004). O que pudemos observar, com base na teoria em questão, é que, ao marcar alguma expressão ou termo, o locutor visa despertar a atenção de seu interlocutor e, provavelmente, convocá-lo a reavaliar o sentido do termo que se evidencia, utilizando-se da metalinguagem, ou também reproduzindo o discurso do outro. Em relação à representação do sentido estabelecido com base no uso das aspas, cabe, portanto, ao enunciador incorporar as informações basilares para a preservação do processo enunciativo e da orientação argumentativa. Ao empregar esse recurso, o enunciador visa evidenciar o uso para certa finalidade.

A análise realizada nos possibilitou comprovar que nenhum discurso deve ser tido como homogêneo, visto que há um entrecruzamento de vozes que é importante para a produção do dizer bem como dos sentidos. A identificação dessas vozes, reportando-as aos discursos que evocam, foi essencial para a compreensão das manchetes das notícias analisadas.

Em suma, a heterogeneidade aqui se destaca como importante estratégia enunciativa, uma vez que, através dela, o sujeito se constitui. Deste modo, as aspas são capazes de demarcar a enunciação quanto à perspectiva sobre o ocorrido, uma vez que o enunciador reformula seu discurso, agenciando e dirigindo os sentidos a partir de um discurso-outro, demarcando, também, uma orientação argumentativa.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV – Revue de Linguistique*, 26, 1982, p. 91-151.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas, IEL, n. 19, p. 25-42, 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-237.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 5. ed. São Paulo: Anablume; Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CARDOSO, T.; CUNHA. **Silêncio e comunicação**: ensaio sobre uma retórica do não-dito. Lisboa: Livros Horizonte, p. 75-76, 2005.

DUNKER, C. I. L. Psicanálise: Lacan. **Psicoterapias: teoria e técnicas**. São Paulo, v. 1, n. 3, p. 7-39, 2010. Edição Especial.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2004.

FLORES, V. do N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

MARCUSHI, L.A. Gêneros textuais emergentes no contexto de tecnologia digital. Em: MARCUSCHI, L.A ; XAVIER, A.C. (orgs.) **Hipertexto e Gêneros Digitais**: novas formas de construção de sentido. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.